

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

# O SERTÃO VAI VIRAR MAR

**MOACYR SCLiar**

Altamente Recomendável — FNLIJ

**ea**  
editora ática

*O sertão vai virar mar*  
© Moacyr Scliar, 2002

|                         |                       |
|-------------------------|-----------------------|
| Editora-chefe           | Claudia Morales       |
| Editor                  | Fabrizio Waltrick     |
| Editor assistente       | Emílio Satoshi Hamaya |
| Preparadora             | Lúcia Leal Ferreira   |
| Coordenadora de revisão | Ivany Picasso Batista |
| Revisora                | Cátia de Almeida      |
| Estagiária              | Fabiane Zorn          |

|                                 |                                     |
|---------------------------------|-------------------------------------|
| ARTE                            |                                     |
| Diagramadora                    | Thatiana Kalaes                     |
| Editoração eletrônica           | Estúdio O.L.M.<br>Eduardo Rodrigues |
| Edição eletrônica de imagens    | Cesar Wolf                          |
| Ilustrações                     | Nelson Cruz                         |
| Ilustração de Euclides da Cunha | Samuel Casal                        |
| Estagiária                      | Mayara Enohata                      |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S434s  
2.ed.

Scliar, Moacyr, 1937-

O sertão vai virar mar / Moacyr Scliar. - 2.ed. - São Paulo : Ática,  
2008.

120p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

ISBN 978-85-08-12025-3

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 - Literatura infantojuvenil. 2. Brasil  
- História - Guerra de Canudos, 1897 - Literatura infantojuvenil. I. Título.  
II. Série.

08-3090.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12025-3 (aluno)

2017  
2ª edição  
11ª impressão

CL: 736570  
CAE: 241532

Impressão e Acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2002  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP  
Tel.: (0XX11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br  
www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



## APÓS UM SÉCULO, UM RETORNO AOS SERTÕES

A Semana de Cultura no colégio de Gui está próxima e a turma não sabe que trabalho fazer. Até que o professor de história lhes apresenta *Os Sertões*, que descreve a trágica Guerra de Canudos, ocorrida há pouco mais de um século, bem próximo à cidade onde os garotos moram. O clássico de Euclides da Cunha denunciava, na época, a morte de aproximadamente 25 mil sertanejos, incluindo mulheres, idosos e crianças, todos seguidores do beato Antônio Conselheiro.

Gui e sua turma se empolgam com a leitura do livro e têm uma ideia: promover uma espécie de julgamento dos diferentes pontos de vista que envolveram a tragédia, avaliando os atos de Conselheiro, o personagem principal do conflito.

Enquanto se preparam para o evento, Gui, Martinha, Gê e Queco ganham um novo colega: o misterioso Zé, vindo do sertão alagado por uma represa, do “sertão que virou mar” — profecia do líder espiritual de Canudos que se cumpriu. Pouco depois, surge uma figura ainda mais misteriosa, que deixa apreensiva toda a cidade: um novo beato, Jesuíno Pregador, está atraindo uma multidão de seguidores fanáticos para o Buraco, a vila mais pobre da região. Depois de um século da campanha de Canudos, poderia a tragédia histórica se repetir? A chegada de Zé e Jesuíno, num mesmo momento, vindos de uma mesma região, seria mera coincidência?

Em *O sertão vai virar mar*, Moacyr Scliar, um dos mais importantes escritores da atualidade, oferece ao leitor a oportunidade de conhecer um grande clássico de nossa literatura e saber um pouco mais sobre uma das maiores tragédias ocorridas no Brasil em todos os tempos. Na história de um grupo de amigos que não se rende aos preconceitos, a percepção de que na solidariedade, aliada à perseverança, pode estar a possibilidade de vitória sobre as injustiças sociais.

*O editor*

## SUMÁRIO

|    |  |     |
|----|--|-----|
| 1  | Bem-vindos a Sertãozinho de Baixo, o lugar onde tudo aconteceu ..... | 9   |
| 2  | Alguém chega para nos lembrar que o velho sertão ainda existe .....  | 15  |
| 3  | Tentando entender o sertão .....                                     | 21  |
| 4  | Descobrimo Euclides .....  | 27  |
| 5  | Alguma coisa acontece .....  | 33  |
| 6  | Mas não, não estava tudo bem .....                                   | 40  |
| 7  | Entramos em Canudos .....  | 53  |
| 8  | Amplia-se a guerra contra o Conselheiro... ..                        | 62  |
| 9  | ... E começa o conflito em Sertãozinho de Baixo .....                | 70  |
| 10 | Em busca do Zé .....   | 75  |
| 11 | O fim de Canudos .....   | 87  |
| 12 | Ainda existem histórias que terminam bem? .....                      | 103 |
|    | <b>Outros olhares sobre <i>Os Sertões</i></b> .....                  | 109 |











• 1 •

.....  
Bem-vindos a Sertãozinho de Baixo,  
o lugar onde tudo começou  
.....

Já faz um tempo que esta história aconteceu, alguns anos, para dizer a verdade, mas só agora resolvi contá-la. Escrever é uma coisa que gosto de fazer; é uma forma de preservar a nossa memória e, até mesmo, de entender as coisas. Quando a gente põe no papel aquilo que nos aconteceu, é como se estivéssemos vivenciando de novo os acontecimentos, descobrindo coisas que antes não nos haviam ocorrido. O que, no caso da presente história, é um prazer e uma fonte de emoções. Aqui vai, pois.

Moro numa cidade chamada Sertãozinho de Baixo. Estranha, a denominação? Pois é. Muita gente achava isso, inclusive, e principalmente, na própria cidade. Gente que não gostava do “Sertãozinho” e não gostava do “de Baixo”. Políticos e empresários até promoveram uma campanha para mudar o nome. Por que “de Baixo”, indagavam, se não há um Sertãozinho de Cima? Mas houve, sim, uma vila com esse nome — só que desapareceu quando a área em que ficava foi inundada para a construção da grande represa de Mar-de-Dentro. Quanto a “Sertãozinho”, a razão da implicância era

dupla: primeiro, o diminutivo, lembrando lugar pequeno; depois, e mais importante: de maneira geral, sertão alude a um lugar agreste, distante, de gente pobre e inculta. E a nossa cidade, diziam, já tinha deixado essa situação para trás. Ainda não éramos uma metrópole, mas estávamos crescendo, progredindo. Propunham para ela o nome de Fernando Nogueira, o fundador do *shopping*, que havia falecido poucos anos antes. Um plebiscito foi feito e a maioria dos votantes optou por manter a denominação tradicional. Continuamos o Sertãozinho de Baixo. Mas com um título adicional: “Novo Sertão”, expressão criada por uma agência de publicidade contratada pelo prefeito de então, Felisberto de Assis, um político veterano e de não poucas ambições. Na apresentação da campanha, que incluía prospectos, cartazes coloridos e até filmes para tevê, explicou o publicitário encarregado, um carioca chamado Josino Albuquerque (“descendente de baianos, e com muito orgulho”):

— O objetivo desta campanha é transformar o limão em limonada: o que antes era a imagem do atraso, hoje pode ser o começo de uma riqueza. Sertão, sim. Geograficamente falando, sertão. Mas é um outro sertão, o sertão que vai em frente, o sertão gerador de riquezas. Enfim: o Novo Sertão!

O que provocou mais discussão. Muita gente achou aquela história de “O Novo Sertão” frescura, coisa para impressionar ingênuos. No jornal às vezes aparece a expressão, às vezes não. O nome da cidade é que ficou.

Polêmicas e campanhas à parte, Sertãozinho de Baixo era, e é, um lugar bom de morar. Meu pai, por exemplo, sempre gostou daqui. Agora aposentado por doença (tem uma artrite rebelde e incapacitante), foi, durante muitos anos, o delegado de polícia. Era respeitado, mas não temido; ao contrário, as pessoas o admiravam, consideravam-no um homem sábio. Para ele, manter a ordem não queria dizer meter medo às pessoas. Acreditava muito mais no diálogo — mes-

mo com delinquentes. Uma vez um assaltante entrou numa agência bancária. Cercado, e muito nervoso, disse que só sairia de lá morto. Meu pai, sozinho e desarmado, entrou no lugar. Conversou por mais de uma hora com o assaltante e por fim saiu trazendo-o pelo braço. O homem chorava como uma criança e declarou ao jornal que fora convencido pelo delegado, “homem de coração de ouro”.

Meu pai tem razão: a cidade é agradável, pacífica. E antiga: tem mais de trezentos anos, como se constata pela bela igreja e pelo casario colonial. Antiga, mas não atrasada: nos últimos anos, surgiram também fábricas — uma delas muito grande, a Indústria Têxtil Coroadó —, novas lojas, o *shopping* Nogueira... E também prédios de apartamentos e até algumas mansões.

Mas há muita pobreza. Sempre houve. No lugar chamado Buraco — uma enorme vila popular que tem mais de trinta anos —, as casinhas até hoje são humildes, as condições de vida, muito duras. Em outras cidades, bairros assim são o reduto de traficantes, de criminosos. Não em Sertãozinho de Baixo. Na nossa cidade, pobreza sempre esteve mais associada à resignação do que à violência. “O que se vai fazer, é a vontade de Deus” era uma frase que se ouvia comumente.

Esse tipo de atitude deixava meu amigo Geraldo Camargo, o Gê, muito irritado. Para ele, os pobres deveriam se revoltar, mostrar sua inconformidade, lutar por seus direitos. Escreveu até um poema intitulado “A resignação é o ópio do povo”. Gê era o presidente do grêmio estudantil — e um líder muito combativo. Volta e meia brigava com a direção do colégio, para grande consternação do pai, Henrique Camargo, dono de uma loja de roupas no *shopping*. “Não entendo meu filho”, queixava-se a meu pai, que era seu confidente — aliás, confidente de muitas outras pessoas também.

O Colégio Horizonte, a escola particular em que estudávamos, era o melhor da cidade. Na época, não tinha muitos

alunos, cerca de quinhentos, de modo que quase todo mundo se conhecia. Gê e eu éramos colegas de aula — e amigos de infância. Criança ainda, Gê — que hoje é vereador, o vereador mais jovem da cidade — começou a mostrar sua vocação política. Quando criamos nosso time de futebol, imediatamente assumiu a liderança, ainda que não fosse o melhor jogador — o melhor jogador, modéstia à parte, era este que vos fala. Nos trabalhos em grupo tomava a iniciativa e distribuía as tarefas. Nunca hesitou em brigar por aquilo que considerava certo. E nunca desistiu de me envolver em política. Tentava motivar-me, emprestando-me livros e folhetos, mas a mim tal tipo de literatura não interessava muito. O que deixava o Gê muito irritado:

— A gente precisa ter ideais! A gente precisa mudar o mundo, Gui!

Gui — Guilherme Galvão — sou eu. Até hoje o pessoal me trata por esse apelido. Doutor Gui — formei-me em medicina no ano passado —, mas Gui, de qualquer jeito. Gê e Gui: os apelidos eram parecidos, mas fisicamente éramos bem diferentes. Eu era alto; ele, baixinho. Eu era um garoto calmo, coisa que deixava minha mãe intrigada:

— No campo de futebol você corre de um lado para o outro — observava —, em casa você é um molenga.

E acrescentava, irônica:

— Pelo menos na hora de arrumar o seu quarto.

Gê, elétrico, não parava quieto. Gostava de falar — e falava bem; discurso era com ele mesmo. Queria ser advogado e chegou a entrar numa faculdade em Juazeiro, que fica a algumas dezenas de quilômetros de Sertãozinho. Mas interrompeu os estudos para se candidatar à Câmara de Vereadores. Exatamente como o professor Armando tinha previsto:

— O Gê ainda vai ser um líder político nesta cidade.

O Armando era o nosso professor de história. Excelente professor. Para ele, história não era só decorar datas de bata-